RESUMO

Os conflitos em sala de aula constituem fenômenos centrais no cotidiano escolar e exercem influência direta sobre o processo de ensino-aprendizagem. O presente artigo analisa os principais fatores que desencadeiam conflitos no ambiente escolar, destacando aspectos sociais, culturais, emocionais e pedagógicos que moldam essas interações. A partir de referenciais teóricos como Vygotsky, Aquino, Freire, Piaget e Tiba, o estudo discute o papel do professor como mediador e aponta estratégias eficazes de prevenção e resolução de conflitos. A perspectiva sociointeracionista está presente ao reconhecer o conflito como elemento inerente às relações humanas e como oportunidade de desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. Conclui-se que a mediação adequada pode transformar situações conflitivas em experiências pedagógicas, fortalecendo a autonomia, o respeito, a participação e a convivência democrática.
PALAVRAS-CHAVE: Conflitos escolares. Mediação pedagógica. Convivência escolar. Sala de aula. Educação básica.

ABSTRACT

Classroom conflicts are central phenomena in everyday school life and directly influence the teaching-learning process. This article analyzes the main factors that trigger conflicts in the school environment, highlighting social, cultural, emotional and pedagogical aspects that shape these interactions. Based on theoretical references such as Vygotsky, Aquino, Freire, Piaget and Tiba, the study discusses the teacher's role as a mediator and presents effective strategies for preventing and resolving conflicts. The socio-interactionist perspective is considered by acknowledging conflict as inherent to human relationships and as an opportunity for affective, cognitive and social development. It concludes that adequate mediation can transform conflict situations into pedagogical experiences, strengthening autonomy, respect, participation and democratic coexistence.
KEYWORDS: School conflicts. Pedagogical mediation. School coexistence. Classroom. Basic education.

1 INTRODUÇÃO

Os conflitos fazem parte da natureza humana e, por consequência, manifestam-se de forma constante nos espaços sociais, incluindo o ambiente escolar. A sala de aula, contexto marcado pela diversidade de valores, identidades, expectativas e histórias de vida, torna-se um espaço privilegiado para o surgimento de conflitos. No entanto, tais conflitos não devem ser compreendidos apenas como distúrbios ou perturbações, mas como oportunidades para aprendizagem, socialização e desenvolvimento.

Autores como Aquino (1998) e Alves (2015) discutem que o conflito, quando bem administrado, torna-se uma ferramenta pedagógica capaz de promover reflexão, diálogo e autonomia. Por outro lado, quando ignorado ou reprimido de forma inadequada, tende a se intensificar e a comprometer o clima escolar.

Assim, compreender os conflitos, suas causas, manifestações e possibilidades de mediação é fundamental para que professores possam responder de maneira assertiva e humanizada às necessidades dos estudantes. Este artigo busca, portanto, examinar o fenômeno dos conflitos em sala de aula a partir de uma perspectiva ampla e interdisciplinar, apresentando sugestões práticas e baseadas em referenciais teóricos sólidos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Indisciplinas escolar: ampliação da visão de Aquino e diálogo com outros autores

A indisciplina na escola contemporânea tem sido objeto de intensas análises no campo da Educação, e, entre os autores que mais

contribuíram para esse debate, destaca-se Luiz Antônio de Aquino. Para Aquino (1996), a indisciplina não deve ser reduzida a comportamentos isolados de desobediência, mas entendida como um fenômeno relacional que emerge da qualidade das interações entre alunos, professores e a própria instituição escolar. O autor enfatiza que —a indisciplina escolar constitui-se em um fenômeno relacional que expressa a qualidade da interação entre os sujeitos e a instituição (AQUINO, 1996, p. 37), sendo, portanto, um reflexo das formas de organização, comunicação e mediação presentes no cotidiano escolar. Em outra obra, Aquino (1998) aprofunda essa análise ao afirmar que —as condutas indisciplinadas remetem muito mais ao modo como se organiza o trabalho pedagógico do que à personalidade dos alunos , deslocando o foco da culpabilização individual para uma compreensão mais ampla dos elementos pedagógicos, institucionais e socioculturais envolvidos.

A visão de Aquino dialoga de forma significativa com outros autores que compreendem a indisciplina como um produto das relações escolares. Vasconcellos (2003), por exemplo, aponta que grande parte dos conflitos e comportamentos considerados inadequados ocorrem quando o aluno não encontra sentido na atividade escolar. Para o autor, —o estudante precisa compreender o porquê e para quê aprende; quando isso não acontece, abre-se espaço para a desmotivação e para comportamentos de fuga . Assim, a indisciplina aparece como sintoma de uma prática pedagógica pouco significativa ou descontextualizada da vida do aluno. Charlot (2000) segue na mesma direção ao defender que a relação com o saber é atravessada por dimensões afetivas, sociais e identitárias; quando a escola ignora essas dimensões, dificulta a construção de vínculos, o que pode resultar em comportamentos de oposição, resistência ou indisciplina.

A perspectiva de Vygotsky também contribui para ampliar essa compreensão. Embora não trate diretamente da indisciplina, o autor evidencia a centralidade das relações sociais na constituição dos sujeitos. A aprendizagem, segundo Vygotsky (1991), é sempre mediada e construída nas interações; logo, quando essas interações são frágeis, autoritárias ou pouco dialógicas, tornam-se terreno fértil para conflitos e rupturas. Nesse sentido, a abordagem sociointeracionista reforça a ideia de que a indisciplina não é um problema individual, mas relacional, dependente da qualidade das mediações pedagógicas estabelecidas.

Arendt (2005), ao discutir o papel da autoridade na educação, complementa esse debate ao afirmar que a crise de autoridade vivida pelas instituições modernas afeta diretamente a escola. Para ela, o professor não pode se apoiar apenas em um modelo de autoridade tradicional, rígido e verticalizado, pois esse modelo já não encontra legitimidade no mundo contemporâneo. Em vez disso, é necessário um tipo de autoridade que se construa na responsabilidade, no cuidado e na clareza de propósitos — elementos diretamente relacionados à prevenção de situações de indisciplina.

Assim, ao aproximar Aquino de Vasconcellos, Charlot, Vygotsky e Arendt, observa-se que a indisciplina precisa ser compreendida como resultado de múltiplos fatores: a forma como o trabalho pedagógico é organizado, o sentido atribuído às atividades, a qualidade das interações, a construção da autoridade docente e o vínculo estabelecido com o saber. A superação desse fenômeno exige, portanto, práticas pedagógicas mais dialógicas, uma escola mais participativa e um professor que atue como mediador, e não como mero transmissor de conteúdo ou controlador de comportamentos.

2.2 Comparação entre José Carlos Libâneo e Outros Autores sobre a Indisciplina Escolar

A indisciplina escolar tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores da educação contemporânea. Cada autor interpreta o fenômeno por diferentes perspectivas: pedagógica, relacional, psicológica ou institucional. Entre esses estudiosos, destaca-se José Carlos Libâneo, cujas ideias podem ser comparadas com as de Júlio Groppa Aquino, Içami Tiba e Philippe Perrenoud.

A seguir, apresenta-se uma análise compa-

rativa das visões desses quatro autores.

2.3 Libâneo x Aquino: Indisciplina como fenômeno institucional e relacional

José Carlos Libâneo e Júlio Groppa Aquino se aproximam ao defender que a indisciplina não deve ser vista como um simples problema individual do aluno, mas como um fenômeno complexo, relacional e institucional.

Convergências

- Ambos defendem que a indisciplina emerge da interação entre professor, aluno e escola.
- Criticam a ideia de atribuir a culpa exclusivamente ao estudante.
- Ressaltam que normas mal definidas, comunicação falha e práticas pedagógicas inadequadas contribuem para comportamentos inadequados.

Diferenças

- Aquino enfatiza mais o aspecto psicossocial das relações, argumentando que conflitos e indisciplina resultam do tipo de interação construída na escola.
- Libâneo foca mais na organização pedagógica, destacando que a qualidade da prática docente e da gestão da sala é determinante.

Síntese

Enquanto Aquino analisa o sujeito em relação ao meio social da escola, Libâneo enfatiza o trabalho pedagógico como ferramenta para prevenir e enfrentar a indisciplina.

2.4 Libâneo x Tiba: Limites e papel da autoridade

A comparação com Içami Tiba evidencia visões diferentes sobre a origem da indisciplina.

Convergências

- Ambos reconhecem a importância de limites claros na relação educativa.
- Entendem que a falta de coerência entre o que a escola propõe e o que a família permite pode gerar conflitos e comportamentos indisciplinados.

Diferenças

- Tiba tem uma abordagem mais psicopedagógica e comportamental, defendendo que a indisciplina deriva principalmente da falta de limites e da permissividade (na família e na escola).
- Libâneo, por outro lado, entende que a indisciplina está mais ligada à desorganização pedagógica, a aulas pouco atrativas e à ausência de normas construídas democraticamente.

Síntese

Tiba responsabiliza mais o aluno e as famílias; Libâneo responsabiliza mais a escola e o processo pedagógico. Tiba fala em —limite ; Libâneo fala em —organização do trabalho pedagógico.

2.5 Libâneo x Perrenoud: Gestão da sala de aula e participação do aluno

Philippe Perrenoud dialoga bastante com Libâneo, especialmente no que se refere à gestão da sala de aula.

Convergências

- Ambos afirmam que a forma como o professor organiza o tempo, o espaço e as atividades influencia diretamente o comportamento dos alunos.
- Reconhecem que a indisciplina diminui quando o aluno participa mais ativamente do processo de aprendizagem.
- Defendem a necessidade de práticas pedagógicas mais dinâmicas e colaborativas.

Diferenças

- Perrenoud enfatiza as competências docentes, como liderança, habilidade de mediação, planejamento e capacidade de envolver os estudantes.
- Libâneo enfatiza a didática e o projeto pedagógico da escola, uma abordagem mais ampla e institucional.

Síntese

Ambos veem a indisciplina como resultado da falta de gestão eficaz da sala. Perrenoud foca no professor; Libâneo foca na escola como um todo.

2.6 Quadro comparativo geral

Autor Visão da indisciplina Causa principal Ênfase
José Carlos Libâneo Fenômeno pedagógico e institucional Falhas na organização do ensino e regras pouco clarasDidática e gestão da sala
Júlio Groppa Aquino Fenômeno relacional Interações sociais mal mediadas Psicossocial
Içami Tiba Falta de limites Permissividade familiar/escolar Psicopedagógica e comportamental
Philippe Perrenoud Falha na gestão da sala Ausência de organização e práticas participativas Competências docentes

2.7 Conclusão da comparação

A análise das ideias de José Carlos Libâneo em comparação com Aquino, Tiba e Perrenoud revela que:

- Libâneo possui uma visão mais didática e institucional, que responsabiliza o processo pedagógico pela prevenção da indisciplina.
- Aquino vê a indisciplina como produto das relações humanas na escola.
- Tiba associa o comportamento ao modelo de autoridade e limites.
- Perrenoud foca na capacidade do professor de gerir o ambiente escolar.

Em conjunto, essas perspectivas mostram que a indisciplina escolar é um fenômeno multifatorial que envolve elementos pedagógicos, psicológicos, institucionais e sociais.

3 A natureza dos conflitos escolares

Os conflitos podem ser entendidos como situações de divergência, oposição ou incompatibilidade entre pessoas, ideias, valores ou necessidades. Tiba (2006) sustenta que o conflito é inerente à convivência humana e constitui elemento indispensável ao crescimento emocional e moral.

Os conflitos em sala de aula são fenômenos inerentes à convivência humana e resultam do encontro de sujeitos com diferentes histórias, expectativas, valores e modos de agir. Para compreendê-los de maneira ampla, é necessário reconhecer que os conflitos não surgem apenas de comportamentos inadequados, mas de interações sociais, dinâmicas institucionais e fatores emocionais e culturais que perpassam o ambiente escolar.

3.1 Conflitos como fenômenos naturais e inevitáveis

O conflito é parte natural das relações humanas. Em um ambiente escolar, onde convivem diariamente crianças, adolescentes e adultos, é esperado que ocorram discordâncias, disputas e tensões. Piaget (1977) afirma que o conflito é elemento motor do desenvolvimento moral, pois obriga os sujeitos a reverem comportamentos, reorganizarem ideias e aprenderem a negociar.

Assim, a sala de aula é um espaço onde:

- diferentes personalidades se encontram;
- identidades sociais diversas interagem;
- regras precisam ser construídas e aceitas coletivamente;
- emoções se manifestam de maneira intensa, especialmente na infância e adolescência.

Portanto, o conflito não deve ser entendido como erro ou fracasso pedagógico, mas como reflexo da heterogeneidade que compõe o ambiente escolar.

3.2 Dimensões que compõem a natureza dos conflitos

Os conflitos em sala de aula podem ter múltiplas causas e se manifestam de maneiras distintas. Sua natureza é multidimensional, envolvendo aspectos:

3.3 Dimensão interpessoal

É a forma mais visível de conflito. Ocorre entre:

- aluno × aluno;
- aluno × professor;

- grupos de alunos.

Filhos de culturas e contextos diferentes coexistem em uma mesma sala, e suas formas de comunicação, repertórios e valores muitas vezes entram em choque. Divergências simples – como quem usará um material, diferenças de opinião ou disputas por atenção – podem se transformar em conflitos maiores quando não há mediação adequada.

3.4 Dimensão intrapessoal

Nem todo conflito se manifesta externamente. Muitos alunos vivenciam conflitos internos relacionados a:

- insegurança;
- dificuldades de aprendizagem;
- baixa autoestima;
- ansiedade;
- sentimentos de exclusão;
- crises familiares que repercutem no comportamento escolar.

Esses conflitos internos podem gerar comportamentos como agressividade, isolamento, resistência ou apatia.

3.5 Dimensão institucional

A natureza dos conflitos também envolve fatores estruturais da escola, como:

- regras pouco claras;
- práticas pedagógicas autoritárias ou descontextualizadas;
- falta de diálogo entre gestão, professores e alunos;
- currículo rígido;
- comunicação falha entre escola e família.

Ambientes escolarmente frágeis tendem a gerar mais conflitos e a potencializar tensões.

3.6 Dimensão cultural e social

Os conflitos refletem desigualdades e diferenças sociais. A sala de aula reúne estudantes com:

- diferentes crenças e religiões;
- diversas condições socioeconômicas;
- identidades de gênero;
- pertenças étnico-raciais variadas;
- modos distintos de ver o mundo.

Essas diferenças, quando não reconhecidas e trabalhadas pedagogicamente, podem gerar conflitos discriminatórios, bullying, exclusões e estereótipos.

3.7 Dimensão pedagógica

O próprio processo de ensino e aprendizagem pode gerar conflitos quando:

- o aluno não compreende um conteúdo;
- ocorre frustração diante de avaliações;
- há divergências sobre regras de sala de aula;
- o método de ensino não atende às necessidades do grupo.

Nessas situações, o conflito pode sinalizar a necessidade de ajustes metodológicos ou de uma abordagem mais inclusiva.

4 Conflitos como oportunidade de desenvolvimento

Embora muitas vezes vistos como problemas, os conflitos possuem um papel pedagógico importante. Vygotsky (1991) afirma que a aprendizagem emerge das interações sociais, e isso inclui situações de discordância, negociação e superação de impasses.

Quando trabalhados de forma adequada, os conflitos possibilitam:

- desenvolvimento emocional;
- fortalecimento da empatia;
- melhora na capacidade de argumentação;
- autonomia moral;
- habilidades de cooperação;
- convivência democrática.

Assim, a natureza dos conflitos não deve ser reduzida a um problema disciplinar, mas compreendida como processo formativo.

No âmbito escolar, os conflitos podem surgir por diversos motivos, entre eles:

- Diferenças de personalidade;
- Competição entre alunos;
- Indisciplina;
- Falhas de comunicação;
- Dificuldades emocionais;
- Choques culturais;
- Problemas familiares;
- Divergências pedagógicas.

Esses fatores contribuem para a construção de um cenário marcado por tensões, exigindo do professor uma postura atenta, empática e mediadora.

4.1 Tipos de conflitos em sala de aula

Os conflitos escolares podem ser classificados como:

a) Conflitos interpessoais: entre alunos, entre grupos ou entre aluno e professor.
São conflitos que ocorrem entre duas ou mais pessoas, geralmente envolvendo divergências, choques de personalidade, disputas de poder, comunicação falha ou interesses opostos.
Situações possíveis
- Desentendimentos entre colegas por brincadeiras ofensivas, fofocas ou competição.
- Discussões por disputa de espaço, materiais, lugar na fila ou no grupo.
- Conflitos entre aluno e professor, por discordâncias quanto às regras, avaliações ou atitudes.
- Bullying e provocações recorrentes, gerando tensões constantes entre alunos.

b) Conflitos intrapessoais: ligados a emoções internas do próprio estudante. São conflitos internos, vividos dentro do próprio sujeito, quando há insegurança, medos, dúvidas, emoções intensas ou dificuldades emocionais.

Situações possíveis
- Aluno que não acredita que é capaz de aprender e se sente inferior, evitando participar da aula.
- Estudante que quer se concentrar, mas ao mesmo tempo sente ansiedade, vergonha ou medo de errar.
- Criança que está passando por problemas familiares e demonstra comportamentos agressivos ou retraídos.
- Adolescente em conflito entre seguir regras da escola e seguir o grupo de amigos.

c) Conflitos pedagógicos: divergências sobre métodos, avaliações ou conteúdos.
São conflitos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, aos métodos, às avaliações, à compreensão de conteúdos e ao papel do professor.
Situações possíveis
- Alunos que não entendem o conteúdo e começam a ficar frustrados, gerando desmotivação ou comportamentos inadequados.
- Divergências entre professor e aluno sobre formas de avaliação, prazos ou critérios de correção.

- Conflitos entre professores da mesma turma sobre como conduzir a disciplina, gerando mensagens contraditórias aos estudantes.
- Turma que não se adapta a uma metodologia, ocasionando resistência ou recusa em participar de atividades.

d) Conflitos disciplinares: relacionados às regras ou à sua transgressão. São conflitos relacionados ao descumprimento de regras, normas escolares ou expectativas de comportamento.

Situações possíveis
- Conversas paralelas, interrupções e uso indevido de celular durante a aula.
- Alunos que não cumprem horários, não fazem tarefas ou não respeitam combinados.
- Confrontos quando o professor precisa intervir em comportamentos inadequados.
- Quebra de regras como agressões, empurrões, vandalismo ou recusas em seguir orientações.

e) Conflitos culturais: influenciados pela diversidade socioeconômica, religiosa e étnica.

Cada tipo demanda abordagens específicas e sensíveis ao contexto.

São conflitos que surgem devido às diferenças culturais, sociais, religiosas, linguísticas

ou de valores entre alunos, famílias e escola.

Situações possíveis

- Aluno novo de outra região ou país sendo discriminado pela fala, sotaque ou hábitos.

- Choques entre valores familiares e práticas escolares (ex.: forma de vestir, alimentação, expressões religiosas).

- Estudantes que rejeitam colegas por origem social, etnia ou estilo de vida.

- Falta de compreensão das diferenças culturais, gerando tensões ou exclusões.

4.2 O papel do professor como mediador

Mediação como postura pedagógica

O professor atua como mediador ao facilitar a comunicação, promover o diálogo e ajudar os estudantes a compreenderem suas emoções e responsabilidades. Freire (1996) destaca que o educador precisa adotar uma postura dialógica, fundamentada no respeito, na escuta e na horizontalidade das relações.

O mediador não se limita a —controlar comportamentos, mas cria condições para que o estudante desenvolva autonomia e consciência crítica.

4.3 Habilidades necessárias ao mediador

Entre as habilidades essenciais destacam-se:

- Empatia;
- Escuta ativa;
- Capacidade de negociação;
- Neutralidade;
- Gestão emocional;
- Estabelecimento de limites claros.

Tais competências permitem ao professor intervir de forma eficaz e humanizada, evitando julgamentos precipitados.

4.4 Estratégias de prevenção e resolução de conflitos

Regras e combinados coletivos

A construção coletiva de regras fortalece o senso de responsabilidade e pertencimento dos estudantes. Ao participar do processo, o aluno compreende a finalidade das normas e passa a se comprometer com o cumprimento das mesmas.

Comunicação não violenta

A abordagem da Comunicação Não Violenta (CNV), proposta por Rosenberg, tem se mostrado eficaz na mediação de conflitos ao priorizar a expressão de sentimentos e necessidades sem agressões.

Práticas restaurativas

As práticas restaurativas, como os círculos de diálogo, buscam restaurar relações rompidas e promover a reparação do dano. Essas práticas têm sido adotadas em escolas para promover a cultura da paz.

4.5 Conflitos como oportunidade de aprendizagem

Piaget (1977) considera que o conflito cognitivo estimula a reflexão e a reorganização de estruturas de pensamento. Na sala de aula, o conflito pode favorecer aprendizagens relacionadas a:

- Respeito às diferenças;
- Desenvolvimento da autonomia moral;
- Cooperação;
- Tomada de decisões;
- Construção da cidadania.

Assim, tratar o conflito apenas como

5 CONCLUSÃO

Os conflitos em sala de aula, longe de serem apenas obstáculos, constituem elementos estruturantes do processo educativo. A mediação adequada permite transformar tensões em oportunidades de crescimento, fortalecendo a convivência democrática e o desenvolvimento socioemocional.

O professor mediador é peça central nesse processo, pois orienta os estudantes na construção de vínculos, no diálogo e no respeito mútuo. Investir em práticas restaurativas, regras claras, comunicação humanizada e escuta ativa é essencial para criar um ambiente escolar acolhedor e produtivo.

Conclui-se que a escola deve reconhecer o conflito como parte da vida e como ferramenta pedagógica, não apenas como desafio disciplinar, mas como oportunidade de

formação integral.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. São Paulo: Summus, 1998. ALVES, R. A alegria de ensinar. São Paulo: Papirus, 2015.
FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996. LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.
PIAGET, J. O juízo moral na criança. São Paulo: Mestre Jou, 1977. TIBA, I. Disciplina: limite na medida certa. São Paulo: Gente, 2006.
VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991. PHILIPPE PERRENOUD.